

A MULHER E A EDUCAÇÃO NO JORNAL "O PANORAMA"

Women and education in the newspaper "O Panorama"

RODRIGUES, João¹, MORGADO, Elsa²

Resumo

O presente artigo dá-nos conta das concepções ideológicas que suportam o edifício pedagógico que o Jornal *O Panorama* edificou e divulgou ao longo dos dezoito anos de publicação, particularmente nos três primeiros anos de publicação (1837-1839), onde emergem as concepções pedagógicas de Alexandre Herculano. No presente artigo destacamos o papel da mulher no processo educativo da criança. A mulher enquanto agente educativo revela-se como condição *sine qua non* no desenvolvimento da pessoa e consequentemente missão civilizadora da mulher, no contexto da regeneração.

Abstract

This article gives an account of the ideological conceptions that support the pedagogical building that the *O Panorama* newspaper published and published over the eighteen years of its publication, particularly in the first three years of publication (1837-1839), where pedagogical concepts emerge. Alexandre Herculano. In this article we highlight the role of women in the educational process of the child. The woman as an educational agent reveals herself as a *sine qua non* condition in the development of the person and consequently the civilizing mission of the woman, in the context of regeneration.

Palavras-chave: *Educação; Mulher; Jornal "O Panorama"*.

Key-words: *Education; Women; Journal "O Panorama"*.

Data de submissão: setembro de 2018 | **Data de aceitação:** dezembro de 2018

¹ JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL.
E-mail: jbarto@utad.pt

² ELSA MARIA GABRIEL MORGADO - Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, PORTUGAL.
E-mail: elsagmorgado@Gmail.Com.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito das vivências culturais do século XIX, parece-nos importante evidenciar três referentes individuais que em 1837 se cruzaram, convergiram, e se completaram, imprimindo um carácter indelével na cultura oitocentista portuguesa: em primeiro lugar, destacamos o aparecimento da *Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis*; em segundo, o órgão jornalístico dessa mesma sociedade – *O Panorama*; e, finalmente, a escolha acertada, por parte da direção da referida Sociedade Propagadora, da figura emblemática de Alexandre Herculano, que viria a assumir os “destinos” do mesmo jornal.

O jornal *O Panorama* foi, como dissemos, fundado em 1837 pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, sob a direção de Alexandre Herculano, cuja personalidade marcou, desde a primeira hora, o órgão jornalístico de maior prestígio do século XIX, em Portugal. Publicado em cinco séries, com algumas interrupções, a sua longevidade estendeu-se até 1868. Desse empreendimento regenerador, resultou um *corpus* de dezoito volumes, um por ano.

Uma das primeiras preocupações de quem se propõe estudar as ideias emergentes, veiculadas num jornal, é estabelecer o âmbito da mesma investigação. No que nos diz respeito, elegemos como objeto de estudo para esta comunicação, o cruzamento de três variáveis, que convergem no seguinte triângulo: a mulher, a educação e “O Panorama”.

Sendo “O Panorama” um jornal essencialmente instrutivo (Rodrigues, 2010) parece-nos pertinente levantar as seguintes perguntas que tomamos como ponto de partida para esta investigação: Qual o papel da mulher enquanto participante na tarefa regeneradora de um país? qual a sua missão enquanto agente insubstituível, na tarefa de educar uma geração? será igual à do homem? será diferente? Se é diferente, o que a distingue e quais os traços indeláveis que podemos apreender para traçar o seu perfil?

Importa, desde já, esclarecer que no conjunto dos 94 artigos dedicados à temática de educação são muito poucos os que referem explicitamente estas duas problemáticas mulher e educação (Rodrigues, 2008). Importa também explicar que o facto de se tratar de uma publicação periódica, é difícil encontrar um fio condutor que nos conduza a uma tese: mais do que uma tese, procuraremos anotar a sensibilidade, a atenção que os diferentes autores ao longo da publicação deram à problemática da educação feminina - curiosamente - abordada por homens, pois a única mulher que aparece ligada à história do jornal é D. Maria II, protetora do mesmo jornal.

São vários os artigos dedicados a esta problemática. Procuraremos, assim, evidenciar como essa preocupação emerge ao longo das páginas do jornal *O Panorama*: a questão da educação da infância aparece como a *prima inter paris* das prioridades deste semanário, intrinsecamente ligada à missão civilizadora da mulher, no contexto da regeneração portuguesa. Esclareça-se ainda que o anonimato dos artigos era uma das características deste jornal, nas primeiras séries: condição imposta pela Sociedade dos Conhecimentos Úteis, proprietária do jornal. Essa vicissitude causa algum constrangimento, pois obriga os investigadores a referirem-se não ao autor concreto, mas ao autor anónimo.

2. A PERSPECTIVA DE ALEXANDRE HERCULANO

2.1. Conceção de educação

São vários os conceitos que Herculano nos deixa de realidades tão complexas como educação e instrução. Por vezes, toma como sinónimo os conceitos de educação e instrução; outras, porém, distingue-os e define-os. No artigo *Da Instrução das Classes Laboriosas*, a identificação é evidente: “entendemos por educação e instrução popular a cultivação do espírito, e não o ensino das artes fabris a que muita gente dá aquele nome” (Pan, 1838, p. 315). Falando especificamente da educação, concebe-a como uma realidade multidimensional: “O objeto da educação consiste em desenvolver e cultivar todas as faculdades do homem, por tal arte que venham a preencher o fim para que a natureza no-las concedeu” (Pan 1837, p. 4). Em conexão com o conceito anterior e em resposta à pergunta - *o que é afinal a instrução?* Responde: “Vem a ser em suma os princípios necessários para em nós se desenvolverem as faculdades da reflexão” (Pan 1837, p. 63).

Herculano começa por afirmar que “o objecto da educação consiste em desenvolver e cultivar todas as faculdades do homem, por tal arte que venham a preencher o fim para que a natureza no-las concedeu” (Pan 1837, p. 4). As referidas faculdades podem distinguir-se em três classes: “físicas, intelectuais e morais” (Pan 1837, p. 4). Nesta sequência, faz corresponder, respetivamente, às classes em que distinguiu as faculdades humanas, os três ramos em que dividiu a educação, ou seja: “educação física, educação da inteligência e educação moral” (Pan 1837, p. 4). O alvo da educação consiste em proporcionar ao homem um desenvolvimento integral, ou seja em todas as dimensões.

Neste sentido, podemos afirmar que Herculano concebe a educação como uma realidade humana multidimensional ou compósita. Consideramos adiante cada uma das referidas dimensões.

2.2. Pressupostos de Herculano

Inspirado no pedagogo suíço-alemão Pestalozzi, Herculano funda a sua proposta pedagógica em quatro pilares fundamentais: 1) esta geração está condenada, porque não lhe ministraram a educação, a partir da infância: a regeneração do país reside na próxima geração; 2) é de pequenino que se torce o pepino, ou seja, é sua convicção que a educação tem que começar, obrigatoriamente, desde a mais tenra idade: uma vez queimada esta etapa, torna-se inexequível; 3) só a mulher tem condições naturais para educar: o homem jamais poderá educar crianças; 4) a amamentação é um elemento constitutivo da educação das crianças, e conseqüentemente um dever sagrado das mães.

Estes pressupostos ou condições possibilitadoras do exercício da educação são fundamentais para podermos apreender o alcance das afirmações de Herculano. Assim, o Diretor de *O Panorama* apresenta as suas concepções ao longo de cinco artigos, apoiado de forma transversal nos pressupostos acima referidos. Dos quatro pressupostos acima referidos daremos particular destaque ao terceiro: " só a mulher tem condições naturais para educar". Antecipando, de alguma forma, aquilo que poderia ser uma conclusão, podemos afirmar, em formato de hipótese, que a mulher é apresentada por Alexandre Herculano como a chave capaz de aceder ao exercício da educação: afirmação que pretendemos sustentar no ponto que se segue.

2.3. A mulher é por definição educadora

Nos artigos anónimos *A Educação Materna* (1837) e *Asilos de Infância* (1838), Herculano defende a ideia de que só a mulher poderia educar uma criança. Herculano começa por perguntar: "O que é a mulher? — O que é este ente a quem devemos o existir, que guia os nossos primeiros passos ao sair do berço, e que, assemelhando-se a um anjo consolador, vela por nós até descermos à sepultura" (Pan 1837, p. 62)? Esta segunda pergunta, mais do que uma explicitação da primeira, está de tal forma formulada que assume a configuração de uma resposta à primeira questão, ou seja, apresenta a mulher como um ente manifestamente superior ao homem, particularmente no que concerne à

missão de conduzir a educação de infância. Herculano parte do pressuposto que a natureza apenas bafejou a mulher com o dom de educar a infância; por isso, afirma com toda a convicção que a mulher, e só a mulher, é educadora por natureza: “As mães e só as mães podem aquilo que nunca o homem será capaz de tentar, com bom sucesso” (Pan 1837, p. 62). Ser mãe jamais poderá ser entendido como sinónimo do desempenho de uma função; pelo contrário, ser mãe significa ser investida de uma vocação: “Não deve a mulher cessar um instante de ser mãe” (Pan 1837, p. 62). É evidente, para Herculano, a inaptidão do homem para educar as crianças (Pan 1837, p. 62)., posição que justifica deste modo:

“De que nasce isto? — De ser incapaz o homem de desenvolver nelas as primeiras faculdades, sendo tão hábil em aperfeiçoar a própria espécie: assaz afastado da infância pela sua situação social, ignora que sentimentos deva excitar, as molas que há-de mover, nem sabe adivinhar as precisões destas tenras inteligências, cuja linguagem desaprendeu, nem dirigir-lhes as vontades, nas quais já não sabe ler”.

Por isso, é imperativo que as mães não deixem de assumir a mais nobre missão de que a natureza as encarregou, por via da maternidade:

Entreguemos, pois, ao cuidado das mães o exercer as funções para que a natureza as criou. Não nos envergonhemos de confessar que nos enganámos em encarregarmo-nos de um ministério, para que não temos vocação; regeneremos fundamentalmente a sociedade, e em vez de nos arrepender disso, persuadamo-nos de que nos havemos de congratular desta prudente resolução (Pan, 1837, p. 62).

Herculano estabelece dois graus na educação de infância: o primeiro que vai desde o nascimento até ao aparecimento da linguagem; o segundo que começa a partir do momento em que a criança já sabe exprimir o que sente. Para o primeiro grau, apresenta um conjunto substancial de orientações para as mães, a fim de as ajudar a desempenhar tão sagrada missão:

- a) *Uma missão a tempo inteiro* – Não se pode ser mãe a tempo parcial; urge que esta se entregue totalmente, desde o primeiro balbuciar às primeiras palavras:

Não deve a mulher cessar um instante de ser mãe; [...] é pois necessário que a mãe crie seus filhos: a sua ternura lhes deve ministrar todos os socorros: importa que esta responda ao seu primeiro balbuciar; para que eles não ouçam senão palavras de amor. Um abuso que devemos apontar aqui –, e a que não chamaremos crime, porque nasce de intenções puríssimas –, é o mau costume, que tomam as mães, de estropear todas as palavras que ensinam às criancinhas. Que querem dizer estas expressões, em que se corrompem os elementos da linguagem? Porque inventam para os seus pequenos ouvintes um idioma de que nunca eles se hão-de servir? Crêem acaso que às crianças é mais fácil pronunciar palavras que ninguém entende? — Enganam-se muito se de tal se persuadem. Devem, portanto, deixar-se dessa geringonça que não serve senão de lhes retardar o falarem corrente, que é o fim que elas pretendem alcançar (Pan, 1837, p. 62).

b) Com o *desenvolvimento da linguagem*, novos desafios se impõem às mães:

Quando a criança começa a falar, novos deveres recrescem à mãe, e então se torna importante a sua missão de mestra; porque dessa primeira educação, que lhe vai dar, depende a sorte futura do discípulo [...]. É pois necessário que bem cedo as mães lancem no espírito dos filhos sementes de sã moral: é preciso, diz Plutarco, tornear-lhes e afeiçoar-lhes os costumes, visto que esta idade tenra está apta para receber toda a casta de impressões: e que lhes estamparemos facilmente nos corações tudo o que nos aprouver. Por este motivo, Platão judiciosamente adverte às amas que não contem a esmo às crianças toda a sorte de fábulas, porque isso lhes recheará as almas de desvarios e erradas opiniões. Todo o apreço que se fizer destes prudentes conselhos será ainda pouco; de feito, porque vemos tão pouca gente dotada de sã razão? Porque vemos tantos engenhos corruptos, cujas ideias desdizem umas das outras, e não geram senão erros e destemperos? É porque acerca deles se não praticaram estes assisados preceitos (Pan, 1837, pp. 62-63).

Nesta sequência, Herculano enumera um conjunto de práticas erróneas que as mães devem evitar:

Nem admitimos a desculpa, com que nos viriam, de que é preciso entreter as crianças e ocupar-lhes a atenção, para os distrair dos primeiros padecimentos; e que o mais eficaz modo para o alcançar é o empregar tais meios. — Erro miserável é este! A verdade, ou a mentira, tudo é novidade para a criança; o atractivo que credes que esta acha nos vossos embustes graciosos acharia na verdade, sem ser necessário danar-lhe a inteligência. Verdade, e só verdade: eis a única estrada que se deve seguir; o que dá hombridade ao homem é unicamente objecto da educação (Pan 1837, p. 63).

A lista de recomendações continua:

Não basta que as mães acelerem, por todos os modos, o momento em que possam comunicar ideias aos seus filhinhos; não basta fazer com que eles amem a verdade: é necessário criá-los logo como quem tem de viver com os seus semelhantes. Grave erro é acreditar que a infância não tem aptidão para receber impressões morais; por muito pouco desenvolvida que esteja a nossa natureza, há nela um tal sentimento de liberdade e de independência, que muito cedo percebemos que perderíamos uma e outra, se não as respeitássemos nos outros (Pan 1837, p. 63).

O segundo grau da educação de infância começa justamente no momento em que a criança já sabe exprimir os seus sentimentos:

o interesse pessoal leva-o a outros estudos, necessários, segundo as nossas instituições políticas; será homem honrado, mas cumpre também que seja instruído. Nestes deveres entra ainda em parte o ensino materno —, aqui, pois, começa a instrução que a ela toca dar-lhe (Pan 1837, p. 63).

Herculano entende que esta fase da educação de infância deve ser partilhada entre as instituições políticas (a escola) e as mães. No que se refere à instrução propriamente dita, reconhece a dificuldade de apresentar regras gerais, “porque é necessário proporcioná-las aos diferentes graus de luz e trevas, que variam segundo as diversas castas de entendimentos” (Pan 1837, p. 63). No entanto, não perde a oportunidade de evidenciar um aspecto central da pedagogia de Pestalozzi, ao afirmar:

sendo a instrução das crianças dependente sempre dos sentidos, importa, quanto for possível, que se lhes ligue aos sentidos as lições que recebem, e que estas se lhes dêem, não só de ouvido, mas também de vista, porque nenhum sentido há, que mais vivas impressões produza na alma ou que gere ideias mais claras e distintas. Acrescentaremos agora, que este ponto é um dos que mais se tem desprezado no ensino e que desassisadamente nos havemos embrenhado por teorias incertas, ao passo que era mais natural e proficuo fazer com que as crianças se instruissem pelos sentidos em tudo o que pudesse ser (Pan, 1837, p. 63).

Em jeito de conclusão, podemos afirmar, com bastante segurança, que fica claro que esta constelação de ideias pedagógicas, veiculadas em *O Panorama*, ao serem escritas por Alexandre Herculano, e inspiradas diretamente em Pestalozzi, fazem do nosso historiador um seguidor do pedagogo Suíço-Alemão, sem que tal signifique um abdicar das referências nacionais. Defensor acérrimo da instrução popular, concebeu-se a si como um educador do povo, servindo-lhe *O Panorama* de manual e de órgão de difusão.

3. A EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA E A MATERNIDADE

Num parágrafo, apenas, e em tom tão romântico, quanto surpreendente, independentemente do fundo histórico que sustenta a ideia, Herculano recupera os conceitos que os nossos maiores usaram, antes do século XVII, para designarem realidades como educação, educando e educador:

Os nossos maiores, a cuja conta tantas rudezas e ignorâncias lançámos, tinham concebido exactamente o que era a educação. Nunca semelhante palavra nos lembra ter encontrado em escritor algum notável anterior ao século 17.º - Criação lhe chamavam; e, realmente, o educar bem é assemelhar-se a Deus, é *criar* um homem virtuoso e útil, o qual, aliás, poderia ser um malvado. Daí vinha que o educando se chamava criado: e por ventura a denominação de *amo*, dada ao que educava, a derivavam de amor, meio, em nosso entender, único, para dobrar ao bom ensino os corações infantis. Se nas línguas, como muitos sábios querem, se revela o estado amoral e intelectual das nações, nenhuma língua, nesta parte, como a portuguesa, diz quão assisadamente pensavam, acerca da educação, os que a formaram e poliram (Pan, 1837, p. 212).

Depois de ter tecido largas considerações teóricas sobre a necessidade de bem educar a geração futura, ponto, aliás, consensual, no que diz respeito à educação da infância, Herculano passa à ordem da praxis, dando resposta uma questão sobre o que se tem feito, em Portugal, a bem da educação, particularmente, das crianças desfavorecidas: “Alguma coisa na verdade. Em diferentes bairros da capital vereis leiteiros que dizem - *Asilo de Primeira Infância*.”. O autor de *A voz do profeta*, ainda no exercício da sua missão, de quem anuncia as boas-novas, mas não pode deixar de denunciar as injustiças e os vitupérios que proliferam pela cidade e pelos campos, pergunta: “Mas quem vos parece que mandou pintar essas tábuas, pregoeiras de caridade, de amor de pátria, e de filosofia”?

O Profeta elenca um conjunto organizado de potenciais candidatos que poderiam e deveriam ter estado na origem de tão benemérita obra, para de imediato infringir a denúncia:

Serão os poderosos? - Não: que esses nas mesas de seus banquetes, nos saraus do luxo e dos prazeres, vivendo só no presente, que lhes importa que uma raça corrompida ou virtuosa passe depois deles na terra? - Serão os políticos? - Não: que a esses males lhes chega o tempo para se guerrearem e detestarem cordialmente uns aos outros. Serão os filósofos? - Não: que a esses basta-lhes escarnecer de quanto é santo, e venerando, e secular, em discursos ou escritos de *rebombo-franco anglo-algarvio*; basta-lhes crerem-se ilustrados, porque chegaram à filosofia do século passado, e lá ficaram (Pan, 1837, p. 212).

Finalmente, recuperando o artigo *Educação materna* (Pan, 1837, pp. 62-63), Herculano retoma as mesmas teses sobre o modelo educador da mulher e tece os maiores elogios a quem de direito, repondo alguma justiça num tratamento tão discriminativo como o do século:

Certo é *que* os anjos não desceram à terra: mas não há ali um ente, bem motejado pela sua ignorância, um ente a quem no nosso orgulho julgamos inferior a nós; porque combate com lágrimas, em vez de combater com ferro; que responde com submissões a tiranias; cujo coração nós rasgamos sem piedade, porque as amarguras lhes vêm aos lábios e ao gesto tantas vezes, como vem aos lábios, o ao gosto do homem, que se gaba de forte e sofrido? Não existe a mulher, fonte perene de brandura e de piedade? — Pois sabeis que foram mulheres, que estenderam os braços para os filhinhos do pobre; foram elas que disseram, como Jesus Cristo: *Deixai os pequeninos e não lhes tolhais que venham, a mim*; foram elas as únicas que ouviram o clamor do futuro, e compreenderam as necessidades do século.

Na sequência da descrição de uma visita a um dos referidos asilos, institutos de bênção e de caridade, como o autor os classifica, este deixa transparecer um misto de satisfação pela obra feita, pelas mãos de senhoras, e um sentimento de vergonha, pela sua incapacidade de participar na obra regeneradora do futuro (Pan, 1837). Da impressionante visita ressaltou um aspecto que foi objecto de censura, por parte dos ilustres visitantes, do Sistema de ensino e do ambiente geral os nossos “inspectores” fazem ressaltar alguns traços que caracterizam a instituição, que vão desde a higiene ao respeito e à ordem observada: “Nestes Asilos, abrigo da infância mais tenra e mais miserável, é extremo o asseio, boa a ordem, estrita a observância do instituto, excelente o sistema de ensino: ali recebem as crianças alimento para o corpo, para o entendimento, e, o que mais novo em Portugal, alimento para o coração” (Pan, 1837, p. 65). Ressaltam ainda dois traços, que a avaliar pela ênfase que o articulista lhe dá, parecem constituir pedras angulares da instituição em causa, referimo-nos à educação musical e à religiosa: Pouco havia e entráramos na modesta sala, destinada ao estudo, quando a certo sinal da mestra comum, todas aquelas criancinhas ajoelharam, e levantando as mãos para o céu, entoaram um padre-nosso; era a música não tanto para os ouvidos se deleitarem, como para se deleitar o coração (Pan, 1837, p. 212).

A tese que o autor tem vindo a defender, no que concerne à necessidade da educação moral e intelectual na infância, é aqui alargada à dimensão física:

É na infância que se lançam os fundamentos da boa ou má saúde; e a fonte mais fecunda das enfermidades que tornam a existência desgraçada encontrar-se não só nos erros dos autores dos nossos dias, mas com particularidade ainda mais nos vícios da educação. É certo que a criança mais bem disposta degenera brevemente por esta causa, e se torna fraca, lânguida, e sujeita a dores e moléstias para toda a vida, se não sucumbe logo a elas (Pan, 1839, p. 195).

O autor reafirma, neste artigo, a convicção de que a educação de infância, não é apenas uma tarefa da mulher, mas é uma condição inerente de que a natureza a dotou, fazendo depender a felicidade futura das crianças da observância de tão sublime vocação: “A natureza encarregou especialmente as mulheres dos cuidados da primeira educação: são estes cuidados para as mães obrigação sagrada (...)” (Pan, 1839, p. 19).

O autor enuncia sinteticamente os principais erros que se costumam cometer na educação de infância.

Assumindo o papel de educador, o autor não se inibe de prevenir as mulheres, alertando-as para os efeitos nefastos do costume de fazer com que os recém-nascidos engulam alguns cordiais e mesmo vinho, para as fortalecer, de acordo com essa convicção, tão errônea quanto divulgada. O mesmo é “válido para o uso de ministrar remédios, autênticos venenos, que não raras vezes deixam sequelas funestas e permanentes” (Pan 1839, p. 195)

Dedica alguns parágrafos à alimentação das crianças, após o desmame, onde sugere alguns conselhos, que vão desde o “equilíbrio da quantidade de alimento que deve ser dado às crianças, até ao uso da fruta e gradualmente a crescente diversidade de alimento” (Pan 1839, p. 203).

O artigo termina com a defesa de uma pedagogia geral que assenta no hábito da austeridade que deve presidir à educação das crianças desde a mais tenra idade:

Em geral, é essencialíssimo habituar as crianças a uma vida áspera e activa: bom seria até que lhes fizessem suportar algumas privações, e que soubessem o que é a fome, a sede, e principalmente a fadiga. É-lhes proveitoso saber que o apetite é o melhor cozinheiro, e o único de estimar. Estes meios não contribuem pouco para fortificar os órgãos, assegurar a saúde, e prolongar a vida. Nada debilita mais, nem predispõe tanto para padecer enfermidades, que pretender resguardar as crianças do menor sopro de vento, e tê-las muito abafadas, encher-lhes o estômago de alimentos delicados, e consentir-lhes o uso de vinho, do café, do chocolate, e dos temperos irritantes (Pan, 1839, p. 204).

Defensor da tese que sustenta o adágio popular, que “é de pequenino que se torce o pepino”, o nosso autor sustenta que apesar da conquista da liberdade, o povo continua corrompido, não porque a sua índole seja má, mas em consequência da herança do passado (Pan, 1839, p. 211). Esta geração está condenada, porque a base da sua educação foi a superstição e a superstição só terminará com o desaparecimento desta geração:

Além disso, a superstição, com que geralmente se educavam as multidões, veio a juízo diante da nação; e a nação cuspiu-lhe nas faces, porque este é o destino de todas as coisas más em si, e só boas na aparência. A superstição era a religião do povo, e quem de algum modo amparava e aviventava a moral, a virtude, e a vida íntima dele: afrontada, amaldiçoada, arrastada já, nas cidades, pelo lodo das ruas públicas, sê-lo-á brevemente pelas vielas e azinhagas das aldeias, e casais. Mas o que ficou em lugar dela nas cidades; o que ficará nos campos? - Nada: porque ela era a crença do povo. E podemos lhe dar outra? - Não; porque a religião só se estampa na alma durante os tenros anos; se acreditais nas conversões tardias, podeis crer nos mais estupendos milagres. Já agora esta geração assim irá, até se escoar toda por esses cemitérios (Pan, 1839, p. 211).

O nosso autor concebe a mente humana à maneira dos empiristas radicais como “tábula rasa”, e que tudo quanto lhe for inculcado, bom ou mau o acompanhará até à morte:

Inoculai verdades num coração virgem, e elas o acompanharão à sepultura. Pelo contrário, lhe ensinardes erros, a custo lhos arrancareis depois; e só voltando-lhe a necessidade de crer para alguma grande verdade, ou para algum princípio, que vivamente agite os entendimentos, levareis a cabo semelhante empresa. Portanto, a regeneração só pode acontecer pela educação e com a nova geração, porque a actual parecerá com o seu estigma: “Na educação, e só na educação, está a possível regeneração moral do nosso país. Criai uma raça nova; que a actual viverá até ao fim com seu incurável achaque. Curai do futuro. Eis o que nos brada a sisudez, a política, e a filosofia (Pan, 1837, p. 212).

Finalmente, recuperando o artigo *Educação materna* (Pan, 1837, pp. 62-63), Herculano retoma as mesmas teses sobre o modelo educador da mulher e tece os maiores elogios a quem de direito, repondo alguma justiça num tratamento tão discriminativo como o do século.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alexandre Herculano, nos artigos *A Educação Materna* (1837) e *Asilos de Infância* (1838) defende a ideia de que só a mulher poderia educar uma criança.

Na sequência do pensamento anterior, o autor do artigo *A maternidade* (1858) faz uma análise sumária dos séculos passados, onde mostra que o menosprezo da educação, em geral, e a da mulher, em maior escala ainda, revestia-se de efeitos nefastos, porque a lacuna instrutiva da mulher compungia ostensivamente as mães a privar as crianças dos princípios educativos que as deveriam nortear desde os primeiros anos de vida.

Por isso, o autor defende que a educação, na medida do possível, “deveria principiar a exercer o seu império, desde o momento em que a criatura saúda o Criador” (Pan, 1842, p. 135.). Noutro artigo, *Da Educação Física e Moral da Infância* (1842) – igualmente anónimo, mas que suspeitamos seja da autoria de António Camilo Xavier de Quadros –, o autor invoca a solícitude dos legisladores da Antiguidade, para os opor à falta de sensibilidade dos modernos:

Os legisladores da Antiguidade eram mais solícitos, mais filósofos do que os modernos: quase que tomavam o homem no berço para desde ali o irem amparando, dirigindo, cultivando e endireitando para a virtude, para bem servir a pátria; semelhantemente ao cultivador zeloso e discreto, que não perde de vista a planta apenas saída da terra, conduzindo-a recta, e bem disposta para dar sazonados frutos, e enlevar os olhos pela beleza de sua folhagem, de sua brilhante copa e de suas flores [...]. Nós, os presumidos do progresso, abandonámos ao desleixo, ao capricho, e pior que tudo aos maus exemplos esses amáveis pequeninos entes, em cujos corações como em cera branda se imprimem indistintamente o bem e o mal, antes de terem a consciência de um e outro; que barbaridade! e que responsabilidade! (Pan 1842, p. 135).

Exumemos apenas dois exemplos apresentados pelo articulista para justificar a sua posição. O primeiro, de Platão, afirma: “Quanto mais uma planta é boa na sua espécie, ou um animal de boa raça, tanto menos aproveitará, menor preço valerá, se a terra, a cultura, a estação favorável, ou a nutrição e os cuidados lhe faltarem” (Pan. 1842, p. 173). No segundo, de Quintiliano, adverte-se: “Se não podeis alimentar vosso filho, escolhei amas sãs e virtuosas: não consentais que estas contraçam a voz, e estropiem a linguagem com pretexto de se amoldarem à compreensão dos meninos” (Pan, 1842, p. 174).

No artigo *A maternidade* (1858), o articulista anónimo recorda à mulher a conquista que já fez: “A civilização também vos chegou, desenvolve-se suavemente em redor de vós, ledes com entusiasmo esclarecidas obras, e já saístes da miserável órbita em que giráveis” (Pan, 1858, p. 56). Por isso, recorda-lhes a responsabilidade que lhe advém dessa conquista: “é portanto justo que trabalheis assiduamente em favor do género humano educando vossos filhos. A educação que imprimirdes no coração de vossos filhos deve ser esta: aceitai-a e regenerareis a sociedade, que está próxima a sucumbir ao grande peso que a esmaga” (Pan, 1858, p. 56.).

A religião aparece como elemento estruturante da educação de infância. O mesmo autor adverte, todavia, que, na religião, como em tudo, *in medio virtus*: “Notai também que a religião sabiamente interpretada constitui a fonte da civilização; mas elevada a exagerada religião, isto é, transformada em caos fanático e supersticioso, esta pedra angular que serve de apoio à sociedade cairá em inevitável descrédito” (Pan, 1858, p. 56).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PANORAMA (1837). *Jornal Literário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*. Lisboa: Tipografia dos conhecimentos úteis.

PANORAMA (1838). *Jornal Literário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*. Lisboa: Tipografia dos conhecimentos úteis.

PANORAMA (1839). *Jornal Literário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*. Lisboa: Tipografia dos conhecimentos úteis.

PANORAMA (1842). *Jornal Literário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*. Lisboa: Tipografia dos conhecimentos úteis.

PANORAMA (1852). *Jornal Literário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*. Lisboa: Tipografia dos conhecimentos úteis.

PANORAMA (1858). *Jornal Literário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*. Lisboa: Tipografia dos conhecimentos úteis.

«Pastoral de 12 de Julho de 1788 publicada na cidade de Belém em o Pará»: extractada das Memor. para a Vida do mesmo Arcebispo. cap 17 in pan 1842, pp. 135 - 136.

Rodrigues, J. (2008). Educação na Revista “O Panorama”. (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila real.